

**A TRANSCRIÇÃO EM HISTÓRIA ORAL E A INSUFICIÊNCIA DA  
ENTREVISTA**

Marcela Boni Evangelista

Núcleo de Estudos em História Oral da USP (NEHO-USP)

[marcela.boni@gmail.com](mailto:marcela.boni@gmail.com)

A realização de entrevistas tem sido recurso amplamente utilizado em trabalhos nos mais variados campos do saber. Entretanto, é necessário considerar as diferenças existentes entre as possíveis modalidades de entrevista. Há situações em que a distribuição de questionários com perguntas fechadas é suficiente para os propósitos do trabalho; em outros casos, há a necessidade de utilizar equipamentos como gravadores ou mesmo câmeras de vídeo. No segundo modelo indicado, a oralidade é fundamental, bem como a performance do entrevistado. Isto não significa, contudo, que quaisquer entrevistas gravadas possuem as mesmas características. Ao contrário, a pluralidade de possibilidades permanece e depende, sobretudo, dos objetivos de cada projeto e ainda da área sob a qual este se orienta.

Os trabalhos voltados para o estudo da língua, por exemplo, terão especial atenção para os detalhes representados pelas diferentes pronúncias, repetições e mesmo para os erros gramaticais. Trabalhos de algumas áreas que atuam com características “tradicionais”<sup>1</sup>, por sua vez, buscam observar elementos que respondem às questões pré-estabelecidas que motivam o trabalho.

Entretanto, há uma visível tendência em revisitar a importância dos relatos individuais, o que se dá em praticamente todas as disciplinas. Esta valorização da experiência tem como consequência imediata uma transformação na postura dos pesquisadores, que passam a questionar as relações de poder que se estabelecem entre aqueles que estão na posição de pesquisadores e os que são “pesquisados”. Da mesma maneira, sofre transformação o estatuto de veracidade daquilo que é narrado, entrando para o rol de apreensões os silêncios, os gestos, os sonhos, as mentiras.

Elementos estes que trazem à tona a indispensável reflexão sobre a memória. A valorização da história de vida como caminho para a compreensão de questões de âmbito individual ou coletivo remete à necessidade de aceitar os percursos da memória, na medida em que esta é acionada pela situação presente. “Da mesma forma que o ângulo (ponto de vista) confere sentido à fotografia, é a situação presente que influencia a maneira através da qual o passado é percebido”. (BERTAUX, 1985).

No caso deste artigo, nos preocupamos em entender a realização de entrevistas no âmbito da história oral. Ainda assim, é possível verificar variações na forma de captar as narrativas dos entrevistados, as quais irão depender do gênero de história oral adotado pelo projeto.

A definição de história oral aqui adotada segue a linha de pesquisa do Núcleo de Estudos de História Oral da USP, segundo a qual

“História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.”(MEIHY&HOLANDA, 2007, p.15)

Como fica perceptível, a realização de entrevistas é central nos trabalhos de história oral. Para além desta prática, há ainda preocupações éticas que perpassam todo o procedimento adotado. Este aspecto será retomado com mais profundidade adiante.

Há pelo menos três possibilidades de utilização da entrevista em história oral, que correspondem a seus “gêneros”: história oral temática, tradição oral e história oral de vida. No primeiro caso, há predominância de um assunto (tema) que percorre todas as entrevistas em detrimento da trajetória de cada entrevistado. Por conta destas características, as entrevistas de projetos temáticos são baseadas em questionários previamente definidos e utilizados para todos os colaboradores<sup>2</sup>. Na tradição oral, a necessidade de penetrar o universo cotidiano do grupo escolhido para a pesquisa, demanda entrevistas diferenciadas, de âmbito mais coletivo. A história oral de vida, por sua vez, tem como foco a experiência e as entrevistas realizadas nesta perspectiva apontam para uma postura diferenciada por parte do entrevistador. Este deve estar

imbuído de sensibilidade que o faça ouvir mais do que falar, estimular mais que perguntar. Neste caso, as entrevistas podem ser únicas ou múltiplas, de acordo com a necessidade da pesquisa, e sua duração dependerá para cada entrevistado. Isto não significa, entretanto, que não exista preocupação com estes pontos. Ao contrário disso, e salientando a necessidade de um projeto que anteceda o trabalho de campo, o pesquisador deve ter a responsabilidade de conduzir o processo como um todo, não através de imposição, mas de negociação.

Em seguida, e isso não apenas em trabalhos de história oral, há a necessidade de decidir como será feito o tratamento do material coletado. É possível que este permaneça somente no formato de áudio, se o objetivo do projeto em que se baseia seja o de formatar um banco de histórias<sup>3</sup>. Caso a proposta não se esgote no armazenamento das narrativas, que podem futuramente fomentar outras pesquisas, é necessário percorrer alguns passos. A transcrição literal da gravação é quase sempre a primeira etapa do processo. Em algumas áreas, este é também o último formato alcançado pelo texto, o que ocorre em geral quando a preocupação não se concentra na narrativa em si, mas nas informações ali contidas e que já neste momento conseguem dar conta de suprir as lacunas observadas pela pesquisa.

Quando nos detemos nos procedimentos específicos da história oral, a transcrição é a primeira de um conjunto de três etapas. A segunda seria a textualização, que corresponderia à uniformização do texto, através da supressão das perguntas feitas pelo entrevistador, que agora passam a fazer parte de uma narrativa linear. Este processo tem como ponto fundamental a mudança de códigos. O oral passa agora a ser grafado e é nesta passagem que se assenta a discussão em torno nas possibilidades da “transcrição”.

Discutir o processo transcriativo é, talvez, uma das tarefas mais polêmicas em que se envolve um oralista. Há ainda muitas críticas à passagem do oral para o escrito que não seja fiel a cada som pronunciado pelo interlocutor. Em função disto, a história oral vem reunindo uma variada gama de elementos que possam dar conta de legitimar este tipo de trabalho com o texto. Há mesmo a proposição do ato transcriativo que se

estenda da escritura do projeto até as múltiplas interpretações que as leituras do texto final permitem. (CALDAS, 1999)

A idéia de transcrição sugerida pelo fazer da história oral tem sua fonte de inspiração em discussões que giram em torno da tradução. A passagem de uma língua para outra seria equivalente à passagem do oral para o escrito, de maneira que a atitude de fazê-lo literalmente em nada teria relação com o respeito ao sentido conferido à mensagem que se deseja disseminar. Pelo contrário, a leitura de um texto simplesmente transcrito não permite a ebulição de sentimentos que um texto literário, por exemplo, traz à tona.

Esta característica do texto transcrito remete a algo fundamental no trabalho do oralista, o caderno de campo<sup>4</sup>. De fato, o pesquisador tem a posse daquilo que foi gravado, o áudio pode ser reproduzido diversas vezes. Entretanto, é no caderno de campo que se encontram as impressões, as sensações, os detalhes que somente outros sentidos permitem verificar. As anotações aí feitas servem posteriormente para a composição do texto transcrito.

A interação entre o oralista e seu interlocutor, elemento que constitui a entrevista é algo que não pode ser minimizado. O que é dito naquela ocasião somente é feito por estarem estas duas pessoas ali presentes, e não outras. Neste sentido, consideramos a realização do texto produto desta interação, um texto feito em colaboração. A idéia de colaboração remete à forma utilizada para designar o entrevistado, que passa a ser chamado de colaborador.

Tendo em vista o estabelecimento de uma relação entre as partes componentes da entrevista, o texto final, ou texto transcrito, é escrito por um dos participantes (entrevistador), mas somente se torna legítimo quando autorizado pelo colaborador. É somente por isso que insistimos na relevância da construção de um texto que, de fato, foge do que foi literalmente dito, mas se aproxima intensamente do que se quis dizer.

“O texto final...jamais poderia ter sido pronunciado daquela maneira final pelo nosso interlocutor; no entanto, cada palavra, cada frase, cada estrutura lhe pertence (ele não disse mas somente ele poderia ter dito)” (CALDAS, 1999, p.75-76)

Partindo deste princípio e acreditando que o esforço do entrevistador/pesquisador é contar a história de uma pessoa que propomos aqui o entendimento da entrevista enquanto um referente. O texto transcrito, embora elemento de crítica de seguidores de outras linhas de pesquisa, se mostra como alternativa ideal quando o objetivo é conferir sentido à narrativa.

Para exemplificar o que está sendo afirmado, apresentarei excertos de uma entrevista<sup>5</sup> correspondentes às etapas de transcrição, textualização e transcrição:

### **Etapa 1: Transcrição<sup>6</sup>**

O- E aí, depois disso, o Roberson foi de novo pra FEBEM...

C- Foi dessa vez que ele ficou até 8 meses.

O- Ele tinha quantos anos nessa época, Cida?

C- A primeira vez que ele foi, ele foi com 15 anos, aí depois ele foi com 17 anos.

O- E nessa segunda vez que ele foi, você continuou indo visitar?

C- Continuei, ele ficou 8 meses, eu não deixava de ir, levava o jumbo, bolacha, tudo pra ele. Aí, com 8 meses, quase um ano, soltaram ele, aí ligaram pra eu ir buscar ele. Aí, foi onde ele saiu, e eu falei “Roberson, não vai pra rua agora, porque os policiais já tinham prometido”, eles sabem que vc saiu da FEBEM e você é de menor e já tinham avisado ele que quando ele saísse iam matar ele, só que ele não quis dar ouvido. Eu falei: “Roberson, fica aqui”, eu ia até embora daqui esse dia...

(Pausa – chegada da filha)

Aí, foi onde a polícia pegou ele e falou, né, que quando ele for solto ia matar ele. Aí, ele quando foi solto, ele ficou um mês aqui, aí ele começou a andar na rua, aí foi quando aconteceu... Eu ainda tava até deitada, porque eu ia trabalhar no outro dia. Isso foi na sexta, no sábado eu ia trabalhar. Aí, eu falei “Rob, a mãe tá com uma vontade de comer pizza!” Aí, ele pegou, foi lá na padaria, buscou pizza. Mas, ele já tava né, ele tinha bebido. Eu falei, “Rob, fica aqui filho, não vai pra rua”. Mas, sabe quando você tá sentindo, mas ele tava assim, não escuta, né. Ele falou “Não, mãe, eu vou trazer a pizza, aí você vai dormir, e pode ficar sossegada que eu vou ficar por aqui mesmo”. Ele trouxe a pizza era 11h pra mim, e ficou aqui na esquina da padaria. Aí foi quando veio um Uno

preto, sem placa, sem nada e atirou, ele tava ali na esquina, aí atirou nele, e era ele mesmo. Aí, ele nem deu ouvidos, ele tava meio assim, ele fumou maconha...aí, ele olhou, era fumê, né, era um Fiat. Aí, o cara só abriu assim e atirou. Ele saiu correndo, mas eu acho que era pra ser o dia dele mesmo, porque ele tentou entrar em todos os portões, aí ele foi morrer ali na Belém. Ele correu, aí ele levou um monte de tiro na perna...

O- E como você ficou sabendo?

C- Veio um monte de gente me avisar, as amigas dele, aí começaram a gritar, mas eu sabe quando você imagina...aí, quando eu cheguei lá ele tava morto...

O- E qual foi sua reação?

C- Ave Maria, eu fiquei desesperada, não deixaram eu ver...quando eu fui ver ele já tava lá no Sanatorinhos.

O- Ele chegou no Sanatorinhos com vida ou não...

C- Não, chegou sem vida. Ele levou muito tiro aqui na avenida, só levaram porque tinha que levar lá, né... Eu e meu marido, a gente foi pra lá...A primeira vez foi o amigo dele que ele andava junto, aí tipo parece que ele tinha uma lista. Aí, depois que matou o amigo dele foi o Roberson...tudo policial...

O- Mas, não fardado nem nada...

C- Não, tudo normal, à paisana mesmo...

O- E como foi, levaram ele pro Sanatorinhos e depois...

O- Levaram ele pro Sanatorinhos, aí depois ele ficou lá, aí eu fiquei lá a noite toda, aí depois levaram pra Osasco. Aí, depois o meu marido que viu tudo, porque aí eu vim aqui, vim atrás de documento dele, aí meu esposo ficou lá com ele. E quando achou ele, ele tava cheio de droga ainda no bolso, dinheiro.

O- Ele continuava vendendo então...

C- Continuava vendendo...

O- E o velório, foi por aqui mesmo...

C- Foi...não...Ah, o velório foi por aqui mesmo em Carapicuíba, aqui no centro de Carapicuíba...

O- Esse dia deve ter sido bem difícil pra vc, né...

C- Nossa! Aí, depois foi a minha separação, aí acabou...

## **Etapa 2: Textualização**

Depois disso, o Roberson foi de novo pra FEBEM, dessa vez que ele ficou até 8 meses. A primeira vez que ele foi, ele foi com 15 anos, aí depois ele foi com 17 anos. E nessa segunda vez que ele foi, continuei indo visitar... Continuei, ele ficou 8 meses, eu não deixava de ir, levava o jumbo, bolacha, tudo pra ele. Aí, com 8 meses, quase um ano, soltaram ele, aí ligaram pra eu ir buscar ele. Aí, foi onde ele saiu, e eu falei “Roberson, não vai pra rua agora, porque os policiais já tinham prometido”, eles sabem que vc saiu da FEBEM e vc é de menor e já tinham avisado ele que quando ele sáísse iam matar ele, só que ele não quis dar ouvido. Eu falei, “Roberson, fica aqui”, eu ia até embora daqui esse dia...

(Pausa – chegada da filha)

Aí, foi onde a polícia pegou ele e falou, né, que quando ele for solto ia matar ele. Aí, ele quando foi solto, ele ficou um mês aqui, aí ele começou a andar na rua, aí foi quando aconteceu...Eu ainda tava até deitada, porque eu ia trabalhar no outro dia. Isso foi na sexta, no sábado eu ia trabalhar. Aí, eu falei “Rob, a mãe tá com uma vontade de comer pizza!” Aí, ele pegou, foi lá na padaria, buscou pizza. Mas, ele já tava né, ele tinha bebido. Eu falei, “Rob, fica aqui filho, não vai pra rua”. Mas, sabe quando vc ta sentindo, mas ele tava assim, não escuta, né. Ele falou “Não, mãe, eu vou trazer a pizza, aí vc vai dormir, e pode ficar sossegada que eu vou ficar por aqui mesmo”. Ele trouxe a pizza era 11h pra mim, e ficou aqui na esquina da padaria. Aí foi quando veio um Uno preto, sem placa, sem nada e atirou, ele tava ali na esquina, aí atirou nele, e era ele mesmo. Aí, ele nem deu ouvidos, ele tava meio assim, ele fumou maconha...aí, ele olhou, era fumê, né, era um Fiat. Aí, o cara só abriu assim e atirou. Ele saiu correndo, mas eu acho que era pra ser o dia dele mesmo, porque ele tentou entrar em todos os portões, aí ele foi morrer ali na Belém. Ele correu, aí ele levou um monte de tiro na perna... Fiquei sabendo porque veio um monte de gente me avisar, as amigas dele, aí começaram a gritar, mas eu sabe quando vc imagina...aí, quando eu cheguei lá ele tava morto... Ave Maria, nessa hora eu fiquei desesperada, não deixaram eu ver...quando eu

fui ver ele já tava lá no Sanatorinhos. Lá ele já chegou sem vida. Ele levou muito tiro aqui na avenida, só levaram porque tinha que levar lá, né... Eu e meu marido, a gente foi pra lá...A primeira vez foi o amigo dele que ele andava junto, aí tipo parece que ele tinha uma lista. Aí, depois que matou o amigo dele foi o Roberson...tudo policial... Mas não fardados,tudo normal, à paisana mesmo... Levaram ele pro Sanatorinhos, aí depois ele ficou lá, aí eu fiquei lá a noite toda, aí depois levaram pra Osasco. Aí, depois o meu marido que viu tudo, porque aí eu vim aqui, vim atrás de documento dele, aí meu esposo ficou lá com ele. E quando achou ele, ele tava cheio de droga ainda no bolso, dinheiro. Ele continuava vendendo...

O velório não foi aqui perto de casa não...Ah, o velório foi por aqui mesmo em Carapicuíba, aqui no centro de Carapicuíba... Esse dia foi muito difícil pra mim. Nossa! Aí, depois foi a minha separação, aí acabou...

### **Etapa 3: Transcrição**

Depois disso, o Roberson foi de novo para a FEBEM e ficou oito meses, dessa vez com 17 anos. Nessa segunda vez, continuei indo visitar, não deixava de ir, levava o jumbo, bolacha, tudo para ele. Depois de quase um ano, soltaram ele e ligaram para eu ir buscar. Quando ele saiu, eu falei:

- Roberson, não vai para a rua agora, porque os policiais já tinham prometido, eles sabem que você saiu da FEBEM e você é de menor.

Já tinham avisado que quando ele saísse iam matá-lo, só que ele não quis dar ouvido. Eu falei para ele ficar aqui, até pensei em ir embora daqui esse dia...

Quando foi solto, ele ficou um mês em casa e começou a andar na rua de novo. Foi quando aconteceu o pior... Eu estava deitada porque ia trabalhar no outro dia. Isso foi na sexta-feira e no sábado eu ia trabalhar. Falei para ele:

- Rob, a mãe está com uma vontade de comer pizza!

Ele pegou, foi na padaria e buscou a pizza. Mas, já estava meio bêbado, dava para perceber que tinha bebido. Eu falei para ele ficar aqui, não ir para a rua. Mas, sabe quando você está sentindo que vai acontecer alguma coisa... Mas, ele não me escutou e falou:



- Não, mãe, eu vou trazer a pizza, aí você vai dormir, e pode ficar sossegada que eu vou ficar por aqui mesmo.

Trouxe a pizza para mim umas 11h e ficou na esquina da padaria. Foi quando veio um Uno preto, sem placa, sem nada e atirou! Ele estava na esquina quando atiraram nele, e era para ser ele mesmo. Ele nem deu ouvidos quando chamaram ele do carro, já estava meio assim, tinha fumado maconha... Quando ele olhou, viu um carro fumê, era um Fiat. O cara só abriu o vidro e atirou. Ele ainda tentou sair correndo, mas acho que era para ser o dia dele mesmo, porque ele tentou entrar em todos os prédios da rua, mas os portões estavam fechados. Ele acabou morrendo na rua Belém. Ele correu muito, mas levou um monte de tiros na perna... Ele estava cheio de droga e dinheiro no bolso, ainda continuava vendendo...

Fiquei sabendo porque veio um monte de gente me avisar, as amigas dele começaram a gritar, mas eu já imaginava... Quando cheguei lá na rua, ele estava morto... Ave Maria, nessa hora eu fiquei desesperada! Não queriam deixar eu ver o corpo do meu filho... Só fui ver quando ele já estava sem vida no hospital Sanatorinhos. Ele levou muito tiro aqui na avenida, só levaram para o hospital porque tinham que levar... Eu e meu marido também fomos para lá...

Parece que os policiais tinham uma lista. O primeiro a morrer foi um amigo do Roberson, eles andavam sempre juntos. Depois que mataram esse menino, foi a vez do meu filho... Eram todos policiais, mas não fardados, tudo normal, à paisana mesmo...

Fiquei no hospital a noite toda e depois levaram o corpo para Osasco. Meu marido que viu tudo isso, porque eu tive que vir em casa atrás dos documentos dele. O velório foi por aqui mesmo, no centro de Carapicuíba... Esse dia foi muito difícil para mim. Nossa, é difícil até para lembrar! Para piorar, teve a minha separação, aí acabou tudo mesmo...

É possível notar que a passagem da intenção do oral para o escrito está muito mais próxima na transcrição do que nas etapas que a antecedem. Indubitavelmente, a entrevista é o referente a partir do qual o texto final pode ser concebido. Entretanto, poderíamos ir além disso? A história contada poderia ir além do que é dito pelo entrevistado?

Em “A Princesa” (ALBUQUERQUE&JANELLI, 1995) temos uma experiência que serve como inspiração para incrementar a discussão sobre a transcrição. A experiência que é denominada entrevista dá sustentação para a produção de um texto que leva a assinatura do entrevistador e do entrevistado. Entretanto, o texto final é evidentemente maior que a entrevista, denotando que o que ali é narrado não foi necessariamente dito pelo entrevistado. Mas, voltando ao que foi mencionado anteriormente, o entrevistado “não disse, mas somente ele poderia ter dito” aquilo. No caso da Princesa isso é tão certo que a obra é assinada pelas duas partes do processo dialógico.

Sendo assim, a entrevista por si só é insuficiente diante das possibilidades do “texto vivo”, ou seja, aquele que é transformado a cada nova leitura, como nos diz Alberto Lins Caldas, cujas palavras aqui reproduzirei para reforçar a importância da transcrição na produção do texto final de história oral:

“Os textos não são textos que se digam, mas textos que exigem o diálogo, o posicionamento e a reinterpretação. São textos que, ao resultarem de uma poética da experiência, exigem, para se tornarem, tanto uma poética da leitura quanto uma poética da interpretação. Exigem um roçar para haver o gozo” (CALDAS, 1999, p.77)

---

<sup>1</sup> A palavra tradicional aqui é utilizada para fazer referência a trabalhos que não aceitam novas propostas de utilização das entrevistas, enfatizando constantemente a preocupação com a cientificidade dos trabalhos acadêmicos. Esta postura pode ser identificada em diversas áreas das ciências humanas, como é o caso da Sociologia e da História, por exemplo.

<sup>2</sup> A colaboração é entendida como “o conjunto das práticas que envolvem os dois lados, desde o começo do trabalho com entrevistas.” (MEIHY&HOLANDA, 2007, p.120)

<sup>3</sup> Esta é uma tendência que vem crescendo e alguns centros como o Museu da Pessoa apresentam projetos com estas características.

<sup>4</sup> O caderno de campo, recurso amplamente utilizado na Antropologia é emprestado pela história oral, que nele encontra um meio de não perder elementos que formam a essência da entrevista.

<sup>5</sup> A entrevista apresentada faz parte da pesquisa de mestrado “Maternidade e Violência: história oral de vida de crianças e adolescentes em conflito com a lei”, que se encontra em andamento. A colaboradora da pesquisa é Aparecida de Moraes e a gravação foi realizada em 8 de junho de 2009.

<sup>6</sup> As letras “O” e “C” designam, respectivamente, oralista (entrevistador) e colaborador (entrevistado).

---

**BIBLIOGRAFIA**

ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de; JANELLI, Maurizio. *A princesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BERTAUX, Wiame. *Mémoire at récits de vie*. In: Penélope (pour l'histoire des femmes), n.12, 1985, p.51

CALDAS, Alberto Lins. *Transcrição em história oral*. In: NEHO-HISTÓRIA, Revista do Núcleo de Estudos em História Oral da USP. São Paulo, n.1, USP/FFLCH/DH, Novembro, 1999<sup>a</sup>, PP.71-9.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.